

Gigi foi um marco na teledramaturgia brasileira recente



A troca em cena com Tatá Werneck é um sucesso



suas próprias histórias e lutas. “Dizem que fui muito importante para solidificar ainda mais a naturalização dos afetos na nossa sociedade. Isso me emociona profundamente, porque a arte tem esse poder de transformar, de abrir cabeças e corações”, reflete. Para Rodrigo, a importância de Gigi vai além do entretenimento: é um passo na direção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Sobre Nicolau, Rodrigo torce para que ele também encontre um amor verdadeiro e que sirva de inspiração para pessoas de todas as idades se arriscarem no campo das paixões, dos flertes, dos tropeços e das paqueras. “E que seja um combustível pra pessoas de todas as idades”, torce, com um sorriso. Ele acredita que a história do gerente de cafeteria pode ecoar em muitos espectadores que, assim como o personagem, buscam um recomeço ou uma chance de amar depois de desilusões. “O amor é um tema universal, e quando a gente consegue tratá-lo com verdade, sem caricaturas, ele toca fundo. O Nicolau tem essa pureza, essa esperança, e eu acho que o público se identifica com isso”, completa ele, que mantém uma sólida união de mais de duas décadas com o ator e roteirista Wendell Bendelack.

O teatro como paixão

Em 2026, Rodrigo Fagundes completa um quarto de século de profissão. E, apesar de ter construído uma trajetória sólida na televisão e no teatro, ele admite um sonho ainda não realizado: o cinema. “É uma tristeza que tenho. Fiz no máximo duas, três pequenas participações, as quais agradeço muito, mas merecia uma oportunidade para papéis desafiadores, com começo, meio e fim. Tomara que um dia aconteça e que grandes chances apareçam. No drama e na comédia”, desabafa, com sinceridade. “O cinema tem uma linguagem própria, um tempo de construção diferente. É um desejo que carrego há muito tempo, e espero que os realizadores vejam em mim essa vontade e essa capacidade de entregar algo à altura”, pondera.

Por outro lado, o teatro sempre esteve presente. Formado em publicidade pela PUC-Rio e em teatro pela CAL, Rodrigo Fagundes ganhou projeção nacional com o espetáculo *Surto*, que lotou teatros por 12 anos. Agora, paralelamente à novela, segue em cartaz com a peça *O formigueiro*, que acaba de ganhar nova temporada no Rio de Janeiro. O espetáculo, que foi visto por quase 10 mil pessoas em 11 meses, rendeu ao ator o Prêmio de Melhor Performance no Prêmio de Humor 2026. “Teatro é onde mais me sinto pleno. É meu ofício. Meu prazer. Minha cachaça! Amo fazer novela também, com paixão. Mas o teatro é a carpintaria do ator. É onde ficamos expostos pra plateias diferentes, levando alegria, questionamentos e visões sobre as relações humanas”, define, com paixão evidente.

Com texto e direção de Thiago Marinho, a peça aborda relações familiares e transita entre comédia, drama e melodrama, proporcionando ao ator a oportunidade de mostrar toda a sua gama interpretativa. “Tenho a oportunidade de fazer um personagem que passeia pela comédia, pelo drama, pelo melodrama”, festeja. Rodrigo divide o palco com Lucas Drummond, Roberta Brisson e Diego de Abreu, um time de atores que, segundo ele, “sabem jogar bonito” e com quem tem uma parceria afinada e generosa. “É sobre família, é sobre relações humanas, e a gente quer cada vez mais contar essa história pra esse Brasil gigante”, conclui.

Na televisão, estreou em novelas em 2015 com *Babilônia* e passou por *Pega pega* (2017), *Cara e coragem* (2022) e *Volta por cima* — todas assinadas por Claudia Souto, coautora de *Quem ama cuida* ao lado de Walcyr Carrasco. No *Zorra Total*, deu vida ao inesquecível Patrick (“Olha a faca!”) por quase uma década, conquistando o prêmio de Melhor Comediante no Melhores do Ano do Domingão do Faustão. “A minha vontade é continuar fazendo o que amo, com a mesma entrega do primeiro dia. Cada personagem é uma descoberta, e eu quero descobrir muitos ainda”, finaliza, com o olhar cheio de planos e a energia de quem sabe que a arte é um caminho sem fim.